

Estado da publicação: O preprint foi publicado em um periódico como um artigo
DOI do artigo publicado: <https://doi.org/10.21680/2674-6131.2024v6n1ID36221>

Identidade capixaba em músicas de artistas locais: um levantamento variacionista semântico-lexical, gramatical e discursivo

Marcela Langa Lacerda, Stefani Nascimento

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.8345>

Submetido em: 2024-03-27

Postado em: 2024-04-01 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

Identidade capixaba em músicas de artistas locais: um levantamento variacionista semântico-lexical, gramatical e discursivo

Espírito Santo identity in songs by local artists: a semantic-lexical, grammatical and discursive variationist survey

Marcela Langa Lacerda

Docente Associada na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), marcelalanga@yahoo.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8824-8339>

Stefani Nascimento

Graduada em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), stefaninascimento99@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-0718-1096>

Resumo: Considerando a epistemologia dos estudos de terceira onda variacionista, o objetivo desta investigação é fazer um levantamento semântico-lexical e gramatical, em músicas de artistas capixabas, de marcas típicas de uma certa identidade linguístico-cultural local, conforme (certo) imaginário social e conforme resultados de pesquisas variacionistas labovianas, sobre 11 fenômenos. Objetiva-se ainda analisar se e como uma (ou mais de uma) certa identidade capixaba é construída nos discursos evocados pelas músicas. Metodologicamente, a investigação é qualitativa, de cunho interpretativista, bibliográfica e documental, com análise de 10 artistas capixabas e 12 músicas, considerando os mais tocados em 2022, na plataforma *Spotify*. Após análise, identificamos que: (a) a maioria dos fenômenos (oito) segue as mesmas tendências de uso já identificadas em pesquisas variacionistas prévias, em terras capixabas, embora essas tendências não sejam exclusivas dessa cultura, mas tendências nacionais de uso, o que inviabiliza a projeção de uma identidade linguístico-cultural destacadamente capixaba; (b) alguns fenômenos (três), contudo, não seguem as tendências captadas, incluindo aí o fenômeno que, mais significativamente, tem sido apontado como marca capixaba – ausência ou presença de artigo diante de antropônimos e possessivos. Em geral, não se verificou, no *corpus*, portanto, a disposição para projeção/construção de identidade(s) marcadamente capixaba(s).

Palavras-chave: Terceira onda variacionista. Discursos sobre identidade capixaba. Músicos capixabas. Levantamento semântico-lexical e gramatical. Fenômenos variáveis.

Abstract: Considering the epistemology of variationist third-wave studies, the objective of this investigation is to carry out a semantic-lexical and grammatical survey, in songs by artists from Espírito Santo, of typical marks of a certain local linguistic-cultural identity, according to (certain) social imaginary and according to the results of Labovian variationist research, on 11 phenomena. The aim is also to analyze whether and how one (or more than one) Espírito Santo identity is constructed in the speeches evoked by the songs. Methodologically, the investigation is qualitative, interpretative, bibliographic and documentary, with an analysis of 10 artists from Espírito Santo and 12 songs, considered the most played in 2022, on the Spotify platform. After analysis, we identified that: (a) the majority of phenomena (eight) follow the same usage trends already identified in previous variationist research, in Espírito Santo lands, although these trends are not exclusive to this culture, but national usage trends, which makes it impossible to project a linguistic-cultural identity that is distinctly Espírito Santo; (b) some phenomena (three), however, do not follow the trends captured, including the phenomenon that, most significantly, has been identified as an Espírito Santo brand – absence or presence of an article in the face of

anthroponyms and possessives. In general, there was no provision in the *corpus* for the projection/construction of distinctly Espírito Santo identities.

Keywords: Third variationist wave. Discourses on Espírito Santo identity. Espírito Santo musicians. Semantic-lexical and grammatical survey. Variable phenomena.

Considerações iniciais

A relação entre língua e cultura, no âmbito dos estudos variacionistas, é uma máxima das mais elementares. Nesse contexto, o que a *terceira onda/fase* dessa abordagem faz é investigar como as pessoas vivem e, a reboque disso, falam, projetando-se identitariamente de diferentes modos, em cada prática interacional, contando fartamente, para isso, com recursos linguísticos variáveis (LACERDA; GÖRSKI; PAZA, 2023).

O Brasil, país com cerca de 211 milhões de pessoas (IBGE, 2023) e, portanto, bastante plural, em termos culturais, tem se mostrado profícuo para as investigações sociolinguísticas, cujas práticas científicas estão bastante consolidadas. Neste cenário, o Espírito Santo (ES), Estado do Sudeste desse país, cuja cultura é marcada pela diversidade étnica¹ e parece ser pouco conhecido no território nacional, é frutífero para o tipo de investigação feito pela terceira fase variacionista, pois pouco se sabe sobre as projeções identitárias dessa população, denominada *capixaba*.

Nesse sentido, inscrito no âmbito da epistemologia dos estudos de terceira onda (doravante ETO), considerando o modo como a temos compreendido (BRAGANÇA, 2017; LACERDA; GORSKY; PAZA, 2023; LACERDA; LEPPAUS, 2023; LANGA LACERDA; GÖRSKI; MORAES LIMA, 2023), este texto objetiva, em primeiro lugar, fazer um levantamento de recursos variáveis, em termos semântico-lexical e gramatical, em 12 músicas (as mais tocadas no *Spotify*, em 2022), de 10 artistas capixabas, em busca de um mapeamento de marcas típicas de *uma certa identidade* linguístico-cultural local, projetada discursivamente, conforme (certo) imaginário social². do que é *ser capixaba*. Nosso intuito é comparar esse levantamento com marcas e não marcas apontadas como sendo tipicamente capixabas, em pesquisas variacionistas labovianas³. Com isso, confrontaremos, ao longo deste texto, a(s) projeção(ões) identitária(s) nessas músicas,

¹ Sobre colonização e configuração etnográfica do Espírito Santo, cf. Yacovenco *et al.* (2012).

² Não há homogeneidade no imaginário social quanto ao que é *ser capixaba*, no ES. Para uma discussão sobre isso, cf. Lacerda e Leppaus (2023).

³ Por *pesquisas variacionistas labovianas* fazemos referência à epistemologia indiciada nas obras de Labov e também de seus continuadores, conforme nossa compreensão (BRAGANÇA, 2017; LACERDA; GORSKY; PAZA, 2023; LACERDA; LEPPAUS, 2023). Utilizamos ainda, como termos alternativos a esse, *estudos de primeira onda* (embora nem todos os trabalhos de Labov sejam de primeira onda) e *estudos variacionistas clássicos*.

caso a(s) encontrarmos, com resultados descritivos sobre a sociedade capixaba, a fim de investigar se os dados se harmonizam.

Por meio das marcas presentes no *corpus*, de modo específico, e de outras que com elas se articulam, de modo geral, objetiva-se, em segundo lugar, analisar se e como *uma* (ou mais de uma) *certa identidade capixaba* é discursivamente construída e divulgada por artistas capixabas, nos discursos⁴ evocados por suas músicas. Acreditamos que esta investigação contribui para refletir sobre se e como artistas locais evocam cultura e identidade local, através de suas músicas, tal como fazem artistas de outros estados brasileiros⁵, e sobre como isso se relaciona com o resultado de pesquisas variacionistas clássicas no que tange à identidade sociolinguística capixaba⁶.

Para os objetivos propostos, este artigo está organizado do seguinte modo: na primeira seção, apresentamos a fundamentação teórica da discussão, considerando uma certa literatura de/sobre os ETO; na segunda seção, tecemos considerações sobre o cenário social e artístico em terras capixabas; na terceira seção, especificamos a metodologia empregada na análise proposta; na quarta seção, apresentamos e discutimos os resultados; e, na sequência, tecemos algumas considerações finais, seguidas das referências.

Tópicos de ETO

Nesta seção, acionamos tópicos importantes para a compreensão da concepção de língua e de identidade no âmbito dos ETO, conforme estamos compreendendo essa fase variacionista, tendo em vista a polêmica que parece circundar a relação entre as três ondas do campo⁷. Antes de apresentar esses dois conceitos que mais diretamente interessam a esta discussão, contudo, retomemos brevemente o que caracteriza cada uma das fases variacionistas.

De modo geral, os estudos de primeira onda buscam analisar quantitativamente a variável linguística e seus condicionadores, com o objetivo de identificar padrões sociolinguísticos gerais, sociais e estilísticos. Já os estudos de segunda onda procuram identificar a dinâmica local da variação sob um olhar etnográfico, e vinculam a variação a aspectos identitários, tendo como ponto

⁴ Por *discurso*, neste texto, estamos compreendendo *ponto de vista, perspectiva* que se assume na interação ou no uso ideológico da língua.

⁵ Há diversos estudos sobre variação linguística e regionalismos presentes em músicas populares brasileiras. Cf. Sá (2018) e Silva, Reis e Acácio (2018).

⁶ Para uma discussão mais acurada sobre as polêmicas em torno dessa identidade, cf. Lacerda e Leppaus (2023).

⁷ Para conhecer essa polêmica, cf. Lacerda, Görski e Paza (2023).

de partida categorias demográficas e socioculturais que emergem localmente (ECKERT, 2022 [2012]).

Os ETO, por sua vez, tendem a abandonar os modelos estruturais de sociedade e a adotar a premissa de variação como prática social⁸, investigando o significado social da variação em práticas consideradas sempre estilísticas⁹, pois constitutivamente intersubjetivas, dialógicas¹⁰. (COUPLAND, 2007; ECKERT, 2000; 2001; 2005; 2016; 2018).

Assim, nessa fase, as dimensões social e individual, global e local, que caracterizam os sujeitos, estariam articuladas – e não mais em relação de oposição, conforme perspectiva laboviana¹¹ – e indiciadas na projeção de *personas*/identidades que, por sua vez, não seriam o reflexo de uma posição (empírica) ocupada na sociedade, mas decorreriam (a) de uma interpretação (discursiva) desse lugar – o que significa que o lugar empírico também está implicado, mas não como fator determinante, e sim representante – e (b) do modo como as relações são contraídas em cada situação de interação.

Disso é que derivaria a possibilidade de constante reconstrução das identidades e dos significados sociais dos recursos linguísticos (ECKERT, 2016). O foco dos ETO, por isso, é o significado social/estilístico dos recursos linguísticos que, por sua vez, indiciam as posturas ideológicas que os sujeitos assumem discursivamente. É no âmbito desta última perspectiva que nos inscrevemos, neste trabalho, praticando uma ressignificada concepção de língua e de identidade, conforme especificações a seguir.

Identidade na perspectiva dos ETO

As discussões que transitam em torno do conceito de identidade, no âmbito dos estudos sociais e (socio)linguísticos, são extensas. Em Labov (2008 [1972]), por exemplo, por conta da

⁸ Uma ressalva é necessária aqui. Conforme Coupland (2007), o trabalho de Labov, em *Martha's Vineyard* (LABOV, 1963), também se ocupou da noção de língua como prática social, mas se orientou por uma visão estrutural de língua, ao priorizar análises quantitativas. De igual modo, Eckert (2018) também reconhece que, nesse trabalho, Labov tinha a noção de significado social da variação como central: mas a questão, segundo a autora, é que esse tópico se perdeu no pensamento laboviano, uma vez que ele, ao se voltar para métodos de pesquisa em larga escala, “acabou ofuscando – até mesmo suprimindo – os insights do estudo de *Martha's Vineyard*” (ECKERT, 2018, p. xii).

⁹ A concepção de estilo, nessa fase variacionista, diverge da concepção de estilo da fase laboviana – cf. Lacerda, Görski e Paza (2023).

¹⁰ É importante destacar que a noção de língua enquanto fenômeno dialógico parece marcar também os estudos de segunda fase – considerando, por exemplo, o trabalho de Bell (1984), embora, talvez, assim não tenham sido compreendidos. Nos ETO, porém, essa noção parece ser mais evidente.

¹¹ Cf. discussão sobre esse ponto em Lacerda, Görski e Paza (2023).

assunção da soberania da comunidade sobre o indivíduo, emerge a noção de uma identidade muito atrelada a categorias macrossociais e, portanto, ela é vista como sendo mais estável, sempre se tratando de um perfil: “o homem, de 30 anos, de classe média, de curso superior e morador de Vitória” (por exemplo). Todos os usos linguísticos são analisados, nessa lógica, à luz desse lugar social que os sujeitos empíricos ocupam.

Diferentemente dessa compreensão, muitos autores denunciam o fato de que, nesse raciocínio, parece não haver lugar para o indivíduo (FIGUEROA, 1994; LUCCHESI, 2012), o que os leva a propor outra concepção de sujeito, qual seja: a de sujeito agentivo (e não simplesmente reativo, no sentido de se alinhar a categorias macrossociais ou a um comportamento de grupo, por pertencer a ele), uma vez que, na interação, pressupõe-se que os sujeitos se engajam em atividades que lhes são significativas, de modo que as (re)avaliam constantemente, a fim de promoverem potenciais reconfigurações quanto ao modo de participação nas práticas, inclusive linguísticas. Com isso, resulta a ideia de que identidade é uma questão de contínua construção interacional, e não uma categoria fixa.

É por esse redirecionamento na concepção de identidade que parecer haver também uma revisão no conceito de significado social da variação: se, na primeira onda variacionista, ele é mensurado pela perspectiva de grandes grupos sociais, nos ETO os valores, as perspectivas, a orientação ideológica dos sujeitos, constituídas em práticas sociais específicas, estão também implicados na análise de recursos variáveis – e de modo destacado, uma vez que, além de um enquadramento macrossocial, que inegavelmente produz efeitos nos sujeitos, conforme os resultados de mais de 20 anos de investigação no âmbito dos estudos variacionistas, o que parece contar, agora, em primeiro plano, mas não somente, é o “senso de lugar no mundo social” (ECKERT, 2005, p. 17, tradução nossa).¹²

Desse modo, a literatura dos ETO tem a vantagem de, mesmo tendo foco no indivíduo, não dicotomizar essas duas instâncias (indivíduo e sociedade), ao reconhecer que elas são mutuamente constitutivas (KIESLING, 2013) na constituição de significados sociais, e se encontram justamente na concepção de identidade, uma vez que

[a] identidade do indivíduo é configurada através de suas formas de participação no grupo, e a identidade do grupo é configurada através da interação das formas individuais de participação que constituem a sua vida. E ambas as identidades (as individuais e as de grupo) estão em contínua

¹² No original: “[...] sense of place in the social world”.

construção, em contínua mudança, em contínuo aperfeiçoamento. (ECKERT, 2000, p. 43, tradução nossa)¹³.

Aproximando os ETO de Hall (2015)¹⁴, por exemplo, é interessante resgatar as três concepções de identidade que esse último autor localiza na literatura que versa sobre o conceito (em sociedades modernas e pós-modernas), conforme a seguir.

A primeira, segundo o sociólogo, está pautada na compreensão de que o sujeito/indivíduo é dotado de consciência e de ação desde o seu nascimento. Nessa noção, a identidade dos sujeitos não se modifica, uma vez que o sujeito é dono do seu núcleo interior e, portanto, o contexto social não tem muita interferência na construção da identidade.

A segunda concepção destacada por Hall já apontaria para uma visão de sujeito sociológico, de modo que a identidade seria formada a partir das relações que os sujeitos estabelecem com os outros em um determinado contexto social. Dessa forma, a identidade, aqui, é resultante da relação entre o sujeito e o mundo que o cerca, mas de modo estável. Dizendo de outro modo, Hall (2015, p. 11) considera haver, nesse caso, um cenário epistemológico em que a noção de “identidade costura o sujeito à estrutura [e] estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam”.

Sobre a terceira noção, o autor afirma que o fenômeno da identidade é também uma construção sociológica, mas de modo diferente, porque ela se daria a a partir das relações que o sujeito estabelece com os outros *em um determinado contexto social*. Assim, a noção de identidade é vista como um fenômeno que é construído local e socialmente. Nesse sentido, o mundo é modificado na medida em que os sujeitos também se modificam interacionalmente.

Acreditamos que podemos aproximar pelos menos essas duas últimas concepções de identidade da primeira e terceira fases variacionistas, respectivamente – o que sinalizaria para a diferença epistemológica entre as fases do campo.

Na esteira de Hall (2015), Ciampa (2001) também assegura que identidade não somente é construída a partir das relações sociais, mas também que é possível que um sujeito assuma várias identidades no decorrer da vida. Estas identidades estariam em constante mudança. Com isso,

¹³ No original: “The individual's identity is carved through his or her forms of participation in the group, and the group's identity is carved through the interplay of the individual forms of participation that constitute its life. And both individual and group identities are in continual construction, continual change, continual refinement”.

¹⁴ Acreditamos que a aproximação é possível por ambos se inscreverem em uma epistemologia pós-moderna. Sobre a argumentação que ancora essa visão, cf. Lacerda, Görski e Paza (2023).

afasta-se, por exemplo, o pressuposto de usos linguísticos inconscientes (ECKERT, 2018), para se assumir que todo uso linguístico é performático (ECKERT, 2001; 2008; SCHILLING-ESTES, 2007), sendo a categoria *identidade*, agora, tomada em termos de *movimentos*.

Mendoza-Denton (2002)¹⁵, conforme Casimiro (2021), aponta para uma consequência metodológica dessa revisão em relação ao conceito de identidade no âmbito dos estudos variacionistas: mudança de foco de análises quantitativas para análises qualitativas¹⁶, salientando que

os estudos quantitativos em larga escala falham em identificar atores sociais competentes, que revelam usos criativos da língua para atingir seus próprios interesses. Pesquisas etnográficas são bem mais vantajosas, nesse sentido, já que olham para práticas situadas e para participantes orientados pela interação. (CASIMIRO, 2021 p. 37-38).

Baseado nas reflexões desses autores, podemos inferir que o fenômeno da identidade é um processo de construção constante, não fixo, mais movimento e processo do que produto, tratando-se, assim, de uma conquista interacional. Daí nosso interesse em investigar *se* e *como* músicos capixabas constroem e projetam, discursivamente, identidade(s) capixaba(s) (no plural). E, caso encontremos essas projeções no *corpus* selecionado, cabe investigar se a(s) identidade(s) capixaba(s) se faz(em) pelos mesmos recursos linguísticos identificados em pesquisas variacionistas de primeira onda como sendo tipicamente capixabas.

Língua na perspectiva dos ETO

A língua, nesse contexto, é um recurso para significações múltiplas e dinâmicas, pois, da mesma forma linguística, pode-se depreender diferentes índices de valor projetados pelos falantes através da interação social (LACERDA; GÖRSKI; PAZA, 2023, p. 16).

Eckert (2018), por exemplo, relaciona o conceito de sistema semiótico à noção de estilo mais geral, indicando que a língua tem alto potencial para indiciar *personas*/identidades (tal como gestos, vestuário, interesse por certos bens de consumo, atividades de lazer etc.). Nesse sentido é que se assume o potencial dos recursos variáveis (e dos recursos que com eles coocorrem) como expediente para projeção de identidades/*personas* – eles vão, nessa perspectiva, além da noção de que carregam, em primeiro plano, significado representacional, ao que é *acrescido* significado

¹⁵ Cf. MENDOZA-DENTON, Norma. Language and identity. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P.; CHILLING, N. (ed.). *The handbook of language variation and change*. Malden, MA: Blackwell, 2002. p. 475-499.

¹⁶ Para uma discussão mais acurada sobre isso, cf. Lacerda, Görski e Paza (2023).

social –, funcionando mesmo como um recurso estético, em práticas consideradas estilísticas, sempre, portanto, prenes de significado social – ainda que de modo apenas indireto (TRAUGOTT, 2001).

Com isso, podemos inferir que o que é central para os ETO é a mutabilidade dos recursos linguísticos, cuja significação (sempre contingente) só ganha especificação no uso, e não no sistema da língua ou em qualquer entidade abstrata, embora todo uso lide com os significados já associados previamente a eles (ou semantizados), podendo retomá-los, mas também modificá-los (discursivo-pragmaticamente).

Estando, portanto, inseridos no quadro da vida prática, sendo vistos como uma atividade que resulta da interação entre sujeitos socialmente organizados, os usos linguísticos estão, nos ETO, diretamente relacionados com a situação sociocultural dos sujeitos e com o modo como esses *a interpretam*. Desse modo, língua não é vista como espelhamento ou fotografia da realidade, mas uma *representação* dela – a partir de um ponto de vista ideológico.

O importante para nós, nesta discussão, é considerar que os mesmos recursos variáveis podem ser utilizados para projeção de diferentes representações, diferentes projeções de identidades/*personas* e discursos, inclusive porque eles podem direta ou apenas indiretamente apontar para representações e projeções. Acreditamos que é no conjunto de recursos em correlação, no âmbito de uma enunciação¹⁷, que os significados, as *personas*, os discursos emergem.

Neste trabalho, cabe, então, examinar não como um recurso (lexical, gramatical ou discursivo) indicia, por si só, identidade(s) capixaba(s), mas se e como essa representação pode ser conquistada discursivamente, de diferentes modos, por meio de um conjunto de recursos que coocorrem em enunciações específicas – ou em textos/músicas específicos.

Artistas e músicas populares capixabas

A língua, como vimos anteriormente, é um mecanismo de expressão social. A música, nessa perspectiva, caracteriza-se como um recurso que possui grande potencial para expressar pluralidade cultural e linguística de uma sociedade, podendo indiciar diferentes aspectos dela.

¹⁷ Segundo Costa-Hubes e Brilhar (2019), a enunciação, conforme os pressupostos do Círculo de Bakhtin, comporta duas faces: uma verbal e outra extraverbal. A primeira diz respeito aos recursos linguísticos utilizados na composição do enunciado. A segunda, ao contexto da enunciação, sem o qual não é possível significá-la, e às relações dialógicas que estabelece com outros enunciados – seja para concordar com eles, para negá-los, refutá-los, complementá-los etc.

Através da música, conseguimos depreender uma representação de identidades, materializada no tipo de *persona* de cada canção, constituída: (a) por um tema (aquilo de que se fala), submetido a um certo enquadramento ideológico, a que podemos chamar de *letra*; e (b) por uma melodia.

Podemos, então, considerar o gênero *música* como, nas palavras de Costa (2003, p. 18), um gênero que é “resultado da conjugação entre a materialidade verbal e a materialidade musical (rítmica e melódica); e que essas dimensões são inseparáveis” – embora extrapole os objetivos deste texto uma análise da materialidade musical das canções¹⁸ examinadas.

Dessa forma, no que tange à materialidade verbal, acreditamos que o gênero *música* pode expressar tanto aspectos culturais sociais (compartilhados) de uma comunidade (como uma certa identidade regional), quanto aspectos culturais locais evênticos, conforme agentividade da *persona* do texto-discurso de cada música.

Costa (2003, p. 26) considera que, do ponto de vista da materialidade linguística, em músicas, dentre outros aspectos:

1. predominam palavras mais usadas quotidianamente;
2. maior liberdade quanto às regras normativas da sintaxe;
3. permite repetições e quebra de frases, palavras, sílabas e sons, sem intencionalidade outra que não a obediência às exigências do curso melódico e rítmico;
4. permite-se veicular diferentes socioletos.
5. pode dar pouca atenção à coerência do texto: os sentidos que faltarem podem ser preenchidos pela melodia [...].

Sobre o item 4, precedentemente, cabe destacar o conceito de socioleto, tal como praticado no âmbito da Sociolinguística. Conforme definição em Lane-Mercier e Chapdelaine¹⁹, socioleto consiste em:

[t]oda linguagem particular de um (sub)grupo social determinado. Distinguindo-se simultaneamente dos conceitos de dialeto, que se baseia em critérios mais especificamente geográficos, de idioleto, que significa uma maneira idiossincrática, individual de falar, e de tecnoleto, que remete aos diversos campos do discurso de um estado de sociedade, os socioletos podem ser definidos a partir de critérios propriamente sociais, culturais, econômicos e institucionais. (CHAPDELAINÉ; LANE-MERCIER, 1994, p. 07 *apud* SILVA JÚNIOR, 2021, p. 51).

¹⁸ Costa (2003) considera o gênero *canção*, embora use também, alternativamente, o termo *música* para se referir a esse mesmo gênero. Neste texto, fazemos o mesmo em relação a esses termos.

¹⁹ Cf. CHAPDELAINÉ, Auguste; LANE-MERCIER, G. *Traduire les sociolectes: définitions, problématiques, enjeux*. TTR, Montréal, v. 7, n. 2, p. 7-10, 1994.

Desse modo, cabe investigar se, nas músicas analisadas, há discursos e recursos linguísticos típicos de (sub)grupos específicos da comunidade capixaba. Já do ponto de vista da materialidade discursiva, Costa (2003, p. 27) considera que a música, para o que nos interessa neste texto, está “centrada na interação entre um eu e um tu constituídos no interior da letra”.

Acreditamos que todos esses aspectos (da materialidade linguística e da materialidade discursiva) têm o potencial de oportunizar a emergência de recursos variáveis, profícuos para a projeção de identidades, uma vez que, especialmente em relação à materialidade discursiva, “reivindicações de identidade local são sobre o que significa ser ‘daqui’ em oposição a algum ‘lá’ identificado” (ECKERT, 2018, p, 153). A relação entre um eu e um tu, um aqui e um lá, portanto, construídos nas músicas, devem impactar a projeção das identidades de que estamos em busca.

No cenário artístico musical capixaba, em particular, diversos cantores têm se destacado, inclusive em âmbito nacional. Dessa forma, em primeiro lugar, é importante destacar que já contamos com artistas consagrados no segmento musical nacional, como, por exemplo, o cantor Roberto Carlos, nascido em Cachoeiro de Itapemirim, que atingiu o sucesso na década de 80 e se perpetua até os dias atuais. Entretanto, existem também cantores mais jovens no meio musical que tiveram um crescimento exponencial nos últimos 5 anos, como, por exemplo, os cantores Budah, WC do BEAT, Dudu MC, Dj Matt D, César MC, Daniel Caon. É importante ressaltar que esses cantores têm trazido em suas canções, estilos musicais mais atuais, como o Funk, o Rapper, o Trap, o eletrônico. Também destacam-se, nesse contexto, artistas capixabas que se dedicam ao Jazz e ao Gospel, como os cantores Silva e Anderson Freire, respectivamente.

Embora todos esses artistas, nascidos em terras capixabas, estejam fazendo sucesso nacional, não é evidente que estejam falando sobre ou atuando para projeção de uma identidade cultural capixaba. Nesse sentido, nossa pesquisa se faz relevante para o exame dessa questão. Tendo em vista a relevância desses artistas e de suas músicas, no cenário local e global/nacional, elegemos algumas obras de seus repertórios, conforme decisões metodológicas a seguir, para análise.

Metodologia

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa se caracteriza por ser, na esteira das discussões precedentes, qualitativa, de cunho interpretativista, bibliográfica e documental.

Após observar, pela revisão de literatura, que recursos lexicais, gramaticais e discursivos, todos potencialmente profícuos para a ocorrência de fenômenos variáveis, podem evocar identidade/*persona* típica de interações específicas, elegemos, para análise, músicas de artistas capixabas, conforme os seguintes critérios: selecionamos as músicas capixabas mais tocadas na plataforma de streaming *Spotify*²⁰ em 2022, chegando a um número de 10 artistas; desses, selecionamos as duas músicas mais tocadas; quando o cantor tinha apenas uma música mais tocada na lista, apenas uma música foi selecionada. Com esses critérios, 12 músicas passaram a constituir o material de análise desta investigação. O quadro, a seguir, permite visualizar o *corpus* constituído nesta investigação²¹:

Quadro 1: Especificação de artistas e músicas analisados

Artista capixaba	Música	Quantidade de música artistas
Anderson Freire	Raridade	1
Budah	Dá pra ser?!	1
César MC	Você não ama ninguém	1
Daniel Caon	Vem de golpe	1
Dj Matt D	Pandora	2
	Novidade na área	
Dudu MC	Mensagem	2
	Monstro	
Roberto Carlos	Cama e mesa	1
Silva	Duas da tarde	1
Supercombo	Piloto automático	1
WC do BEAT	Meu mundo	1

Fonte: Elaboração própria

Em relação a esse *corpus*, serão considerados, na análise, os seguintes aspectos: (a) os semântico-lexicais, com foco naquilo de que se fala e na orientação ideológica conferida a isso, por meio desses recursos; (b) os gramaticais, com foco no exame dos fenômenos variáveis selecionados, conforme a seguir; e (c) os discursivos, tendo em mira como identidades capixabas são construídas nos textos. Embora apresentemos separadamente os resultados da análise desses

²⁰ Há, no ES, cantores e grupos/bandas que, sabidamente, exaltam a vida cultural do/no Estado. Os mais marcantes do Estado e que, inclusive, dão origem a um gênero musical brasileiro, são as bandas de Congo. Evocando aspectos religiosos e folclóricos de parte do povo (indígenas e africanos) e da paisagem capixaba, o Congo é, desde 2014, reconhecido como Patrimônio Imaterial do Espírito Santo. Desse modo, sabemos que as músicas dessas bandas projetam identidade(s) capixaba(s). Por esse motivo, excluimos essas e outras bandas (como a *Banca Casaca*) da investigação, por acreditarmos que elas enviesariam a percepção sobre a questão – embora, em pesquisa futuras, seja importante analisar que tipo(s) de identidade(s) capixaba(s) essas bandas projetam. A seleção das músicas a serem analisadas, via *Spotify*, foi, portanto, uma tentativa de não enviesar os dados, considerando a questão de pesquisa desta investigação.

²¹ Organizamos a apresentação do *corpus* em ordem alfabética, conforme nomes dos artistas.

tópicos, acredita-se que a construção dos sentidos dos textos/músicas é conquistada por esses três elementos de modo articulado.

Para a análise gramatical, em particular, elegem-se 11 fenômenos variáveis já descritos na literatura variacionista de orientação laboviana, em relação aos usos capixabas²². A seguir, especificamos os fenômenos variáveis observados, nesta pesquisa, considerando os resultados gerais, apenas quanto à frequência de uso já captada na variedade capixaba, a fim de, na sequência, comparar esses resultados com a frequência encontrada nas músicas analisadas. Todos os estudos e dados apresentados nesta seção foram extraídos de Yacovenco *et al.* (2012).

(1) Alternância entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito (TESCH, 2007)

Este tema diz respeito à variação, no âmbito do *irrealis*, entre futuro do pretérito e pretérito perfeito. Tesch (2007) analisa quatro variantes:

- a) Futuro do pretérito (“não é muito bom colocar uma criança no mundo não... acho que a gente *prejudicaria* elas”).
- b) Pretérito imperfeito não perifrástico (IA) (“se você dissesse que apanhou da professora *apanhava* de novo”).
- c) Pretérito perfeito perifrástico (IA + V INFINITIVO) (“um excelente pedreiro... técnico de segundo grau que eu falei... ele deveria dar aula no ensino técnico... ele *ia pegar e fazer*... é completamente diferente”).
- d) Futuro do pretérito perifrástico (“*iria gerar* desemprego pro Estado”).

Os resultados da pesquisadora indicam que a variante *pretérito imperfeito não perifrástico (IA)* é a preferida dos capixabas, havendo um alinhamento com o cenário linguístico nacional, que também tem, em outras variedades, essa variante como a mais frequente.

(2) Expressão variável do futuro do presente (BRAGANÇA, 2008)

Bragança (2008) investiga a gramaticalização do verbo IR e a variação na expressão do futuro do presente, considerando as seguintes variantes:

- a) futuro do presente sintético (*cantarei*).
- b) verbo IR + infinitivo (*vou cantar*).
- c) presente (*canto amanhã*).

Com relação a esse fenômeno, a pesquisadora conclui que o futuro do presente em terras capixabas começava a dar lugar à forma perifrástica, também seguindo a mesma tendência de uso de outras variedades brasileiras.

(3) Usos de gerúndio (BASÍLIO, 2011)

Concerne à forma nominal do verbo que indica continuidade ou desenvolvimento de uma ação. As variantes consideradas neste estudo foram:

- a) Verbo *estar* + *gerúndio* no campo do presente frequentativo (*tá fazendo*).
- b) Verbo *estar* + *gerúndio* no campo do infinitivo não futuro (*tá assinando*).

²² As investigações sobre esses fenômenos foram feitas no âmbito do Projeto PortVix (Português falado na cidade de Vitória), idealizado pela professora Lilian Coutinho Yacovenco, desde o ano 2000, e coordenado, atualmente, pelas professoras Maria Marta Pereira Scherre e Leila Maria Tesch, na Universidade Federal do Espírito Santo.

c) Verbo *estar* + *gerúndio* no campo do infinitivo futuro (*vai estar falando*).

Os resultados indicam que a variante *verbo estar + gerúndio no campo do infinitivo não futuro* é a mais usada pelos capixabas.

(4) **Variação sintática das orações adverbiais finais (DEOCLÉCIO, 2011)**

Neste fenômeno as variantes observadas foram:

- a) Orações adverbiais finais desenvolvidas (“*para que* tudo funcione muito bem”).
- b) Orações adverbiais finais reduzidas (“*pra febre* passar novamente”).

Os resultados mostram que as capitais Vitória/ES (e Florianópolis/SC) apresentaram um alinhamento referente ao uso das orações adverbiais finais reduzidas.

(5) **Alternância nós/ a gente (MENDONÇA, 2010)**

Este fenômeno, como o próprio nome indica, investiga a variação entre o uso das formas pronominais *nós* e *a gente*. Os resultados revelam a implementação, em terras capixabas, da forma *a gente*, seguindo o padrão nacional.

(6) **Expressão gramatical do imperativo (EVANGELISTA, 2010)**

Neste estudo, examinou-se a expressão do imperativo, considerando a alternância entre as seguintes formas:

- a) modo indicativo (*fala, olha, deixa, diz*).
- b) modo subjuntivo: (*fale, olhe, deixe, diga*).

Como resultado, as pesquisas mostram um alinhamento das capitais Vitória/ES e Rio de Janeiro/RJ associado ao uso da forma indicativa (*fala, vem*).

(7) **A expressão do objeto direto anafórico (YACOVENCO; BERBERT, 2012)**

Nesta investigação, foram observadas as seguintes variantes:

- a) Clíticos acusativos de terceira pessoa ((...) é bem melhor você ir comprando peças, pra montar a sua bicicleta... pra você conhecê-la (...)).
- b) Pronome lexical “(...) A Fernando Ferrari ... dizem que vão melhorar *ela* (...)”.
- c) Sintagma nominal anafórico: (forma plena do SN correferente com outro SN previamente mencionado).
- d) Sintagma nominal apagado/categoria vazia (...) ninguém respeita mais a polícia... naquela época... o cidadão respeitava a *polícia* (...).

Em relação a esse fenômeno, as pesquisas indicam que a variante capixaba preferida é *categoria vazia*, seguida de *sintagma nominal anafórico*, seguindo a tendência nacional de uso desse fenômeno.

(8) **Concordância nominal (SILVA; SCHERRE, 2012)**

O fenômeno linguístico analisado é a presença ou ausência de marca de número nos elementos do sintagma nominal. Como resultado da pesquisa, observou-se que cerca de 89,5% da população capixaba faz concordância nominal, fugindo do esperado das demais tendências.

(9) **Concordância Verbal (BENFICA; SCHERRE, 2012)**

Essa investigação diz respeito à análise da concordância verbal na fala capixaba, ou seja, se há concordância entre o verbo e o sujeito. O resultado relativo à faixa etária mostrou que, na capital Vitória/ES, em alinhamento com o Rio de Janeiro/RJ, os falantes de escolaridade fundamental apresentam menos concordância do que os falantes com ensino universitário.

(10) Alternância *você/cê/ ocê* (CALMON, 2010)

Investigando a ocorrência dos pronomes *você/cê/ ocê*, os resultados indicam que a forma *você* é a mais utilizada pelos capixabas, diferentemente da tendência de outras regiões como Minas Gerais, que utiliza a variante *cê, ocê*.

(11) Ausência/presença de artigo antecedendo antropônimos e possessivos (CAMPOS JÚNIOR, 2011)

Esse fenômeno linguístico apresenta como variantes *presença* e *ausência* de artigos antecedendo nomes próprios ou pronomes possessivos, como em “Totalmente dependente de Isabela/ da Isabela”. Os resultados indicam que a variante capixaba preferida é *ausência de artigo*, sendo esse, inclusive, um traço marcante dessa variedade, que não segue a tendência nacional.

É importante ressaltar que esses fenômenos foram escolhidos, nesta pesquisa, por serem fartamente investigados, no âmbito dos estudos de primeira onda, em relação à variedade capixaba e cujos resultados apontam que, a maioria deles, conforme pôde ser observado, segue tendência nacional de uso do português do Brasil, não se tratando, portanto, de marcas exclusivamente capixabas.

Sistematizando essa questão, podemos assim pôr em evidência os usos variáveis que seguem os padrões gerais e os que singularizam a variedade capixaba:

1) Fenômenos que seguem padrões nacionais de uso:

- a) Alternância entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito
- b) Expressão variável do futuro do presente
- c) Usos do gerúndio
- d) Variação sintática das orações adverbiais finais
- e) Alternância *nós/ a gente*
- f) Expressão gramatical do imperativo
- g) A expressão do objeto direto anafórico
- h) Concordância nominal
- i) Concordância verbal

2) Fenômenos que singularizam a variedade capixaba

- a) Presença ou ausência de artigo diante de antropônimos e possessivos
- b) Alternância *você/cê/ocê*

A seguir, apresentamos e discutimos os resultados da investigação.

Resultados e discussão

Em termos gerais, surpreendentemente, nenhuma música analisada evoca a terra, o povo, os costumes capixabas. Com diferentes estilos musicais (Rapper, Funk, MPB, Gospel, Eletrônica, Hip-Hoper/Rapper, Dance/Eletrônica), as músicas/textos evocam ou uma atmosfera urbana (de periferia, de favela) ou uma atmosfera atemporal, de modo que, em nada, o ES, a vida capixaba é identificada, particularmente.

Além disso, com exceção de três músicas – quais sejam: Raridade, de Anderson Freire; Duas da tarde, de Silva; e Piloto automático, de Supercombo –, todas têm um “eu” homem e um “tu” mulher, em situação de relação amorosa, embora essa relação se configure de diferentes modos, em consonância com a concepção de Costa (2003), de que, em termos de materialidade discursiva, a interação centrada entre um “eu” e um “tu”, em músicas, é constituída no interior de cada letra – ou em consonância com os ETO, com a noção de *persona* interacional, constituída localmente. Assim:

- (i) em Cama e Mesa, de Roberto Carlos, e em Dá pra ser, de Budah, há um amor romântico (como se lê, respectivamente, em: “Você é o doce que eu mais gosto, meu café completo/²³ Mas o homem que sabe que quer/ E se apaixonou por uma mulher/ Ele faz desse amor sua vida; Tô pra ver e agora flui, mané/ Cansei de uma noite e fui, valeu/Dá pra ser só eu e tu?/Só eu e tu?”);
- (ii) em Pandora e Novidade na área, de Dj Matt D; Mensagem, de Dudu Mc; Meu mundo, de WC do Beat; e Vem de Golpe, de Daniel Caon, há um amor ou um momento erotizado (como se lê, respectivamente, em: “Me desculpa a pouca idade/ Eu te provoço de verdade/E ela dá bem, fode bem”; “Cê vai sentando, gosta da lapada”; “Me olha na maldade, né/Por isso que cê procura”/ “Rebolando essa bunda pra mim/WC no comando da putaria”; “Cê fez gostoso e virou minha cabeça”);
- (iii) em Monstro, de Dudu MC, há uma relação amorosa de dependência emocional (como se lê em: “Parece que só destruo o que toco/Eu preciso de ajuda e não é segredo/Eu preciso de você para voar, você é a minha metade”);
- (iv) em Você não ama ninguém, de César Mc, um amor desfeito (como se lê em: “Por que você foi assim?/Sem pensar no que existiu/Nem uma despedida uma contrapartida”).

Notamos que, a despeito de essas *personas* que falam nos textos/músicas se constituírem na relação com um “tu” específico, são também *personas* globais, uma vez que o amor romântico, o amor erotizado, o amor de dependência e o amor desfeito são tipos de amor passíveis de serem experienciados em qualquer parte do mundo, embora questões locais (como o amor erotizado

²³ O uso de barras (/) indica o fim de um verso e início de outro, não exatamente na sequência.

típico de Rappers e Funks que retratam periferias brasileiras, especialmente as do Sudeste do país) configurem de uma certa maneira (particular) a relação entre as *personas* evocadas e os tipos de amor experimentados.

As três músicas que constituem exceção, nesse cenário, por sua vez, abordam temas mais atemporais e não retratam algum tipo de relação entre homem e mulher, mas:

- (i) por meio de um “eu” universal²⁴, que fala para um “tu”, também universal, em estado de sofrimento, o valor de toda pessoa (toda a humanidade) para Deus, tendo em vista a feitura à sua imagem e semelhança, na música Raridade, de Anderson Freire (como se lê em “Sua raridade não está naquilo que você possui/Ou que sabe fazer/Você é um espelho que reflete a imagem do Senhor/Não chore se o mundo ainda não notou/Você é precioso”);
- (ii) por meio de um “eu” acordado, vigoroso, que fala para um “tu” que dorme (até duas da tarde), o valor da vida, em geral, como o simples fato de se poder respirar (na certeza de que todo o mal vai passar), na música Duas da tarde, de Silva (como se lê em “Vem cá/Pra fora da cama/São duas da tarde/Vou ali ver o mar/Somente o que for bom/O resto vai passar/Vou me lembrar do dom/Que é poder respirar”);
- (iii) por meio de um “eu” um pouco desalentado, que fala para um “tu” que não nota tal adversidade, a desesperança com a vida automatizada, na música Piloto automático, de Supercombo (como se lê em “E ainda acho que meu cotidiano /Vai me largar/Um dia eu vou morrer/Um dia eu chego lá/E eu sei que o piloto automático/Vai me levar/Um dia eu acho um jeito de aparecer”).

Além disso, do ponto de vista da materialidade linguística e já especificando a análise semântico-lexical, embora não tenhamos encontrado nenhum item lexical apontado como característico da variedade capixaba, como pocar, massa, gastura, taruira (TESCH, 2022), encontramos nas músicas analisadas todos os aspectos de que fala Costa (2003). Conferimos destaque, contudo, a dois deles, considerando os objetivos deste texto, pois rapidamente deixam ver os temas abordados e o modo de enquadrá-los, discursiva e linguisticamente, no âmbito da vida prosaica de um certo lugar (a vida em certas periferias ou a vida universalmente comum, a depender da música de referência):

1. Predomínio de palavras mais usadas quotidianamente: embora as palavras quotidianas de distintos grupos possam ser diferentes, o que se parece afirmar, com esse ponto, é que as letras dessas músicas não oferecem dificuldades de compreensão – a não ser pelo uso de gírias mais específicas, como “tu tem o meu biriri, essa última em referência à “celular”, e “Tô sem tempo, eu nem me importo com essas groupies”, essa última palavra em referência à pessoa (especialmente uma jovem) que admira

²⁴ Por *universal*, aqui, não estamos considerando o sujeito a-histórico, mas o sujeito em sua humanidade, com aquilo que nos toca a todos, independentemente do tempo

um cantor, um músico pop ou de rock e que o segue em seus deslocamentos (Dicionário online de português).

2. Veiculação de diferentes socioletos: em relação a esse aspecto, observamos que, com exceção das três músicas precedentemente indicados, todas se constituem a partir de um socioleto ou um (sub)grupo social determinado: o de comunidades urbanas periféricas/favelas, típicas do Sudeste do Brasil (especialmente Rio e São Paulo) – como se lê em “Sou favelado da Leste, ela parte da Norte”, em Pandora, de Dj Matt D. Embora também haja muita heterogeneidade nesses (sub)grupos, como se pode presumir, há também compartilhamentos, conforme vemos no próprio recorrente interesse pelo mesmo tipo de discurso (o que dizer), materializado, inclusive, pelos mesmos recursos linguísticos (como dizer), quais sejam, os relacionados ao campo semântico da sexualidade e da ilicitude: dar, foder, rebolar, sentar pau, bunda, safadeza, lapada, maconha/fumação/brisa/skunk, dólar sujo etc.

Desse modo, embora saibamos que sexualidade e ilicitude não são temas/práticas específicos desses (sub)grupos de favelas, o modo de enquadrá-los, de discursivizá-los parece ganhar contornos específicos desse contexto, nas músicas em tela, por conta de aspectos sociais, culturais e econômicos típicos desse modo de vida que se reverbera em diferentes lugares. Isso parece inviabilizar a identificação de uma cultura ou (sub)cultura capixaba, em particular, nessas músicas, a despeito de os cantores e/ou compositores serem capixabas.

Além disso, ainda no campo semântico-lexical, observamos que em algumas músicas de Rapper, Trap e Funk, como: “Pandora” e “Mensagem”, nas quais a realidade da vida na favela é uma temática recorrente, a ostentação de bens materiais, como carros de luxo e roupas de marcas luxuosas, configuram-se como um mecanismo padrão para mostrar mudança na vida financeira (para um estado muito melhor) (como se lê em: “Tem o Nivus tem o Evoque, tem o Fusion pra acelerar”/ “E o FK chegou de Audi, e elas não para de olhar”).

Nesta lógica, identificamos que essas *personas* que exibem ostentação geralmente estão relacionadas não somente a homens, mas também a mulheres com as quais aqueles possuem uma relação amorosa ou apenas sexual (como se lê em: “E eu toda maloca, e ela toda paty”, “Vestindo Versace, foto no iate) em Pandora, de Dj Matt D.

Ademais, observamos que a música “Raridade” é a canção mais conservadora, dentre as analisadas, trazendo consigo uma linguagem mais formal e um viés ideológico cristão. Nesse sentido, a música de Anderson Freire transmite uma mensagem de valorização de um “eu” (universal) desmotivado e desesperançoso, mas que encontra seu valor inestimável em Deus.

Embora já tenhamos, com esse resultado geral, uma resposta negativa para a principal questão desta investigação – qual seja: se haveria, pelos discursos evocados nas/pelas músicas, a

projeção de identidade(s) capixaba(s) –, continuamos, a seguir, detalhando os resultados, considerado alguns dados relevantes no que tange à análise gramatical e discursiva do *corpus*, apresentadas separadamente apenas por questões didáticas.

Do ponto de vista da análise gramatical, localizamos, em relação aos fenômenos variáveis elencados, 399 dados. Considerando cada fenômeno, em particular, identificamos que os seguintes seguem a mesma tendência de uso, em termos de frequência, já captada em pesquisas variacionistas anteriores, embora nossa análise não tenha sido quantitativa:

1. Em relação ao uso de gerúndio, a variante mais frequente, também nas músicas, foi *verbo estar + gerúndio no campo do infinitivo não futuro*, como se lê em “Você sabe de quem tô falando”, em Monstro, de Dudu MC;
2. Em relação à variação sintática das orações adverbiais finais, a variante mais frequente de nosso *corpus* também foi a *adverbial final reduzida*, como se lê em “Bala no copo da gata pra ficar maluca”, em Pandora, de Dj Matt D;
3. Em relação ao fenômeno da alternância entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito, a variante mais frequente também foi *o pretérito imperfeito não perifrástico*, como se lê em “Todo mundo quis me avisar/Que você era problema/Que era só eu me apegar/Seu desapego *entrava* em cena”, em Vem de golpe, de Daniel Coan;
4. Em relação ao uso do imperativo, a variante mais frequente também foi *a indicativa*, como se lê em “Respeita ou *faça* ou não me *subestima*”, em Novidade na área, de Dj Matt D;
5. Em relação à concordância nominal, também foi mais frequente a *presença de concordância*, como se lê em “que não importa as feridas e os erros”, em Monstro, de Dudu MC;
6. Em relação à concordância verbal, embora nada possamos afirmar sobre a relação entre esse fenômeno e escolaridade, tal como investigam Benfica e Scherre (2012), em nosso *corpus* foi mais frequente *a presença* do que a ausência de marcas, embora essa última também tenha sido abundante, como se lê em “Um dia nós vai se encontrar”, em Meu mundo, de WC no beat;
7. Em relação à expressão variável do futuro do presente, a variante mais frequente também foi *a perifrástica*, como se lê em “Eu vou ser seu Romeu”, em Mensagem, de Dudu MC.
8. Em relação à expressão do objeto direto anafórico, também encontramos como variante mais frequente a *categoria vazia*, como se lê em “É que eu te prometi o mundo, e cê quis um pedaço”, em Mensagem, de Dudu MC.

Entretanto, identificamos também fenômenos que não seguem a mesma tendência de uso captada em pesquisas anteriores em terras capixabas, como se vê a seguir:

1. Em relação ao fenômeno alternância *você/cê/ocê*, embora as pesquisas encontrem como variante mais frequente *você*, localizamos *cê*, como se lê em “Não sei se *cê* saca que eu tenho o queijo e a faca”, em *Dá pra ser?!*, de Budah;
2. Em relação ao fenômeno alternância *nós/a gente*, embora as pesquisas encontrem como variante mais frequente *a gente*, localizamos a forma *nós*, com ou sem concordância, como se lê em “Diz pra geral que *nós* fomos um mero detalhe”, em *Você não ama ninguém*, de César MC; e em “a história *nós* monta”, em *Dá pra ser?!*, de Djonga part. Budah;
3. Por fim, em relação ao fenômeno ausência e presença de artigo diante de antropônimos e possessivos, embora as pesquisas encontrem como variante mais frequente em terras capixabas a ausência de artigo, localizamos a presença, como se lê em “Sei que *você* quer um pouco da minha brisa”, em *Meu mundo*, de WC no beat; ou como se lê em “*Você* é um espelho/que reflete a imagem do Senhor”, em *Raridade*, de Anderson Freire.

É importante destacar que, embora os fenômenos elencados acima estejam sendo apresentados como não seguindo, em nosso *corpus*, a mesma tendência de uso de pesquisas variacionistas anteriores, no que tange à frequência, há que se observar que nossa amostra é pequena, de diferente natureza e a análise não segue os mesmos parâmetros (inclusive pela diferença epistemológica entre estudos de primeira e de terceira fases variacionistas), de modo que a comparação feita precisa ser vista com ressalvas.

Mesmo assim, serve como um indicativo de que o tipo de texto (gênero) em análise pode alterar o resultado de pesquisas variacionistas – porque no âmbito desses é que há uma *persona* que toma a palavra de uma dada maneira e não de outra. Assim, parece ser crucial para esse campo de estudos (pelo menos na perspectiva aqui em tela) a análise de muitos textos, antes de se depreender padrões de uso (se isso se quiser), a partir do exame de poucos tipos de textos.

Desse modo, embora não seja possível considerar os dados desta investigação como relevantes do ponto de vista quantitativo e, portanto, do ponto de vista da instituição de padrões sociolinguísticos, eles podem sinalizar para o fato de que as tendências de uso se constituem no âmbito dos gêneros do discurso (LANGA LACERDA; GÖRSKI; MORAES LIMA, 2023), não sendo possível, talvez, pela ótica antropológico-discursiva adotada pelos ETO, falar em *padrão da comunidade*, uma vez que a realidade dos gêneros, do ponto de vista estilístico-linguístico, tende a ser heterogênea e contingente em cada uso.

Também é interessante notar que, apesar de oito fenômenos, em nossos dados seguirem a mesma tendência de uso de estudos labovianos já realizados, a maior parte desses fenômenos é de tendência geral ou nacional de uso, nada podendo ser dito em relação, portanto, a usos que destaquem *uma* identidade capixaba. Do ponto de vista discursivo, portanto, os dados parecem

apontar para o fato de que artistas capixabas não projetam, nessas obras analisadas, identidades ou discursos marcadamente capixabas. Diferentemente de outros artistas que celebram/criam identidades locais, regionalismos (Luiz Gonzaga, Banda Alderia, Banda Calypso, César Menotti e Fabiano etc.), os nossos parecem se lançar ao global/nacional, ao nacionalmente partilhado – talvez em busca da conquista de um público maior e mais diversificado, componentes atraentes para o sucesso. Assim, em relação a esses fenômenos, mesmo com a coincidência de resultados entre esta investigação e pesquisas anteriores, não acreditamos ser possível falar em construção/projeção discursiva de identidade(s) capixaba(s), uma vez que os traços linguísticos coincidentes são, majoritariamente, os de tendência nacional.

Considerações finais

De maneira geral, este texto teve como objetivo fazer um levantamento semântico-lexical e gramatical em músicas, de artistas capixabas, de marcas típicas de uma certa identidade linguístico-cultural local, conforme imaginário social e conforme resultados de pesquisas variacionistas labovianas, sobre 11 fenômenos. Por meio dessas marcas, objetivou-se ainda analisar se e como uma (ou mais de uma) certa identidade capixaba seria discursivamente construída nos discursos evocados pelas músicas. Os resultados indicaram que, surpreendentemente, nenhuma música analisada evoca a cultura e os costumes do povo capixaba – quer pelos discursos, quer pelos fenômenos lexicais e gramaticais analisados.

Diante dos resultados encontrados nesta investigação, parece ser possível afirmar que a não construção/promoção de uma identidade marcadamente capixaba se deve ao fato de os artistas, com o objetivo de emplacar sucessos nacionais, apropriarem-se de discursos e de marcas linguísticas mais globais e menos regionalistas/locais, a despeito de haver um movimento nacional, no âmbito artístico, de valorização da vida regional. Talvez, por isso, as *personas* dos discursos analisados sejam, estrategicamente, mais globais, mais universais, não apontando especificamente para a vida em solo espírito santense.

O que talvez tenha sido lacunar nesta investigação, por conta do tempo, seja a observação de fenômenos que coocorrem em cada uma das músicas, a fim de tecermos considerações mais acuradas sobre estilo, por exemplo – conforme concepção dos ETO sobre estilo. Do ponto de vista discursivo, por exemplo, se fizéssemos esse tipo de análise, teríamos a possibilidade de investigar se há um padrão quanto ao uso de fenômenos variáveis agenciados para construção de um mesmo tipo de discurso ou para a circunscrição de um tema a um mesmo enquadramento ideológico.

É importante ressaltar que esse tipo de investigação (que examina correlações entre gêneros do discurso, discursos construídos por eles/neles e recursos gramaticais agenciados nesse contexto) tende a se mostrar produtivo para os interesses dos ETO, voltados para o significado social dos recursos linguísticos, instaurados eventicamente em interações específicas, a partir de um cenário estilisticamente/ideologicamente constituído. Com este texto, acreditamos que demos um primeiro e tímido passo em direção a esse tipo de análise, cujos desdobramentos tendem a ampliar amostras e tipos de gêneros, para estudos sobre a discursivização (ou não) de identidade(s) capixaba(s).

Contribuição de autoria

1. Marcela Langa Lacerda: CRediT: Conceptualização, Escrita –rascunho original e Escrita – análise e edição
2. Stefani Nascimento: CRediT: Escrita –rascunho original e Escrita – análise e edição

Conflito de Interesse

As autoras não têm conflitos de interesse a declarar.

Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa

Avaliando os roteiros propostos pela EquatorNetwork, consideramos que nenhum deles se mostra relevante para a pesquisa em tela. Também informamos que a pesquisa desenvolvida não foi pré-registrada em repositório institucional independente.

Declaração de Disponibilidade de Dados

Os dados analisados neste estudo são públicos e estão indicados no texto, para livre acesso.

Referências

- BELL, A. Back in style: reworking audience design. *In*: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Eds.). **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 139-169.
- BRAGANÇA, M. L. L. **Uma proposta de articulação teórico-metodológica entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico para o tratamento de variação/mudança**: reflexões a partir da expressão do futuro do presente. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis: 2017. 696 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/185462>. Acesso em: 20 nov. de 2023.
- CASIMIRO, S. A identidade nos estudos sociolinguísticos. **Estudos linguísticos**: Do falado ao escrito, [s. l.], p. 30-56, 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/45068469/A_identidade_nos_estudos_sociolingu%C3%ADsticos. Acesso em 20 de jan. 2024.
- CIAMPA, A. da C. **A Estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

COSTA, A. L. P. **O futuro do pretérito e suas variantes no português do Rio de Janeiro: um estudo diacrônico**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

COSTA-HÜBES, T. da C.; BILHAR, T. F. B. Concepção de linguagem, de texto e de gêneros discursivos na formação inicial do professor de Língua Portuguesa. **Domínios de Lingu@Gem**, [S.L.], v. 13, n. 3, p. 1082-1114, 8 out. 2019. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/41912>. Acesso em: 08 de fev. 2024.

COUPLAND, N. **Style: language variation and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

ECKERT, P. **Linguistic variation as social practice: the linguistic construction of identity in Belten High**. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, P. Style and social meaning. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Eds.). **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 119-126.

ECKERT, P. **Variation, convention and social meaning**. Annual Meeting of the Linguistic Society of America; 2005. Disponível em: <http://lingo.stanford.edu/sag/L204/EckertLSA2005.pdf>. Acesso em: 10 de set. 2023.

ECKERT, P. **Third Wave Variationism**. Oxford Handbooks Online, 2016. Disponível em: <http://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199935345.001.0001/oxfordhb-9780199935345-e-27>. Acesso em: 20 out. 2023.

ECKERT, P. **Meaning and linguistic variation: the third wave in sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press. 2018. Disponível em: https://librarylinguistics.files.wordpress.com/2019/04/meaning_and_linguistic_variation.pdf. Acesso em: 13 de out. 2023.

ECKERT, P. As três ondas do estudo da variação: a emergência do significado no estudo da variação sociolinguística. Tradução de Samuel Gomes de Oliveira, Lívia Majolo Rockenbach e Athany Gutierrez. **Organon**, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 268-291, jan/jun. 2022 [2012]. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/122962>. Acesso em: 10 de jan. 2024.

FIGUEROA, E. **Sociolinguistic metatheory**. Pergamon, 1994.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

IBGE. Indicadores **IBGE**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

KIESLING, S. F. Constructing identity. In: CHAMBERS, Jack K.; SCHILLING, Natalie.(Eds.). **The handbook of language variation and change**. 2. ed. Oxford, U.K.: Blackwell, 2013. p. 448-467.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LACERDA, M. L.; GÖRSKI, E. M.; PAZA, C. R. M. Terceira onda variacionista: continuidade ou descontinuidade de fases?. **Revista da Abralin**, v. 21, p. 1-27, 2023. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2070>. Acesso em: 05 de jan. 2024.

LACERDA, M. L.; LEPPAUS, A. C. S. Capixaba tem sotaque? Quem pode dar essa resposta? Questões para a sociolinguística da sociedade. **Confluência**, p. 68-104, 2023. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/1333>. Acesso em: 10 de jan. 2024.

LANGA-LACERDA, M. A expressão do futuro do presente, os gêneros do discurso no âmbito da terceira onda variacionista e o mundo pós-covid-19: algumas incursões. **Working Papers em**

Linguística (online), v. 22, p. 246-277, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/75509>. Acesso em 15 de jan. 2024.

LANGA LACERDA, M.; GÖRSKI, E. M.; MORAES LIMA, S. M. Potencial analítico dos gêneros do discurso para os estudos variacionistas. **Bakhtiniana - Revista de estudos do discurso**, v. 18, p. 1-27, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/60113>. Acesso em 17 dez. 2023.

LUCCHESI, D. A Teoria da variação linguística: um balanço crítico. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 41(2): p. 793-805, maio-ago 2012.

MAY, G. H. **Labov e o fato social**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/94780/294411.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 nov. 2023.

SÁ, A. S. de. **O regionalismo na música popular amazonense: um levantamento semântico-lexical**. 2018. 30 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras-Habilitação em Língua Portuguesa, Universidade Estadual do Amazonas, Manaus, 2018. Disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/4252>. Acesso em: 25 nov. 2023.

SILVA, S. E. B.; REIS, L. D.; ACÁCIO, M. do C. Análise dos fenômenos linguísticos presentes na letra da música paraense: Voando pro Pará. **Revista Porto das Letras**, [s. l], v. 4, n. 1, p. 51-57, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/download/3778/13262/25746>. Acesso em: 25 nov. 2023

SILVA JÚNIOR, N. F. da. **A tradução para o português dos socioletos literários da trilogia fundação, de Isaac Asimov**. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Uberlândia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/32870>. Acesso em: 15 jan. 2024.

SCHILLING-ESTES, N. Stylistic variation and the sociolinguistic interview: a reconsideration. In: MONROY, R.; SÁNCHEZ, A. (ed.). **Actas del XXV Congreso internacional de la Asociación Española de Linguística Aplicada (AESLA)**. Murcia, 2007. p. 971-986. Disponível em: <https://www.um.es/lacell/aesla/contenido/pdf/9/schilling.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2023.

TESCH, L. M. O sotaque capixaba: Um estudo de percepção. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 16, n. 34, p. 225-242, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/38573>. Acesso em 10 de nov. 2023.

TESCH, L. M.; YACOVENCO, L. C. Portvix: Estratégias de Bancos de Dados para a Continuidade da Documentação em Pesquisas Sociolinguísticas. In: FREITAG, R. M. K.; ARAÚJO, S. S. de F.; DIAS, V. de C. (Org.). **Desafios para Pesquisa em Sociolinguística**. 1ed. São Paulo: Editora Blucher, 2022, p. 51-70.

TRAUGOTT, E. C. Zeroing in on multifunctionality and style. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Ed.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 127-136.

YACOVENCO, L. C.; SCHERRE, M. M.; TESCH, L. M.; BRAGANÇA, M. L. L.; EVANGELISTA, E. M.; MENDONÇA, A. K. de; CALMON, E. N.; CAMPOS JUNIOR, H. S.; BARBOSA, A. F.; BASILIO, J. O. S.; DEOCLECIO, C. E. ; BERBERT, A. F. ; SILVA, J. B. ; BENFICA, S. A. Projeto Portvix: a fala de Vitória/es em cena. **Alfa: Revista de Linguística**

(UNESP. Online), v. 56, p. 771-806, 2012, pp. 771-806. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1981-57942012000300003>. Acesso em: 27 nov. 2023.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.